

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

CÁSSIA CAROLINE DA SILVA WAGNER

**A contribuição do audiovisual na sensibilização de professores:
Alternativas para a inclusão na educação infantil.**

**Porto Alegre
2015**

CÁSSIA CAROLINE DA SILVA WAGNER

**A CONTRIBUIÇÃO DO AUDIOVISUAL NA
SENSIBILIZAÇÃO DE PROFESSORES:
ALTERNATIVAS PARA A INCLUSÃO
ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):
Fernando Favaretto**

**Porto Alegre
2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial, à minha filha Emilly que tanto deixei de lado para que pudesse me dedicar a este trabalho. Agradeço a escola em que trabalho e da qual realizei o material audiovisual, com a parceria de colegas, pais e os queridos alunos que se dispuseram a gravar. Agradeço imensamente ao professor e orientador Fernando Favaretto, do qual não mediu esforços para que eu pudesse ter finalizado este trabalho, com toda sua dedicação e atenção a mim dadas desde o início. Sou grata à oportunidade de poder estudar nesta instituição pública de ensino, contribuindo para minha formação, tanto pessoal como profissional.

RESUMO

A presente monografia trata de uma experiência pedagógica realizada em uma escola de educação infantil do município de São Leopoldo – RS, cujo objetivo principal foi sensibilizar os professores a cerca da inclusão de alunos com necessidades especiais na escola regular, através do recurso audiovisual. Por meio deste recurso tecnológico utilizou-se gravações dos alunos com necessidades especiais em seu ambiente escolar, assim como depoimentos de colegas, professores e pais. A partir da concretização do vídeo final, foi realizada uma reflexão com o grupo de professores e funcionários da escola, com o objetivo de sensibilizá-los e debater sobre alternativas inclusivas. Destacou-se a importância das mídias na educação e do recurso audiovisual como ferramenta reflexiva no contexto escolar. Abordou-se sobre a educação infantil e seus desafios de formar professores inclusivos, nos aspectos teóricos e práticos, pois com a reflexão realizada na escola através do vídeo, foi possível perceber que o recurso audiovisual foi de extrema importância no processo de sensibilização dos professores, desenvolvendo o senso crítico e autocrítico em relação às suas práticas e também às práticas inclusivas da escola.

Palavras-chave: Mídia. Vídeo. Formação de professores. Inclusão. Educação Infantil.

The audiovisual contribution in teacher awareness: Alternatives for inclusion in school early childhood education.

ABSTRACT

This monograph is a pedagogical experiment in a school of early childhood education in São Leopoldo - RS, whose main objective was to sensitize teachers about the inclusion of students with special needs in regular schools through visual aid. Through this technological resource was used recordings of pupils with special needs in their school environment, as well as testimonials from peers, teachers and parents. From the completion of the final video, a discussion was held with the group of teachers and school staff in order to sensitize them and discuss inclusive alternatives. The importance of media in education and audiovisual resource as reflective tool in the school context stood out. If approached on early childhood education and its challenges to form inclusive teachers in the theoretical and practical aspects, as with the reflection held in the school through the video, it was revealed that the visual aid was extremely important in the sensitization of teachers process, developing the critical and self-critical sense with regard to their practices and also the school's inclusive practice.

Keywords: Media. Movie. Teacher training. Inclusion. Childhood education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NEE	Necessidades Educacionais Especiais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 MÍDIAS NA EDUCAÇÃO: NOVOS TEMPOS, NOVOS DESAFIOS.....	11
3 INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POR UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS.....	16
4 OS RECURSOS AUDIOVISUAIS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES MAIS INCLUSIVOS	22
4.1 Metodologia e contexto de pesquisa.....	23
4.2 O uso do vídeo como forma de sensibilização docente: Inclusão na telinha.....	26
5 CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

A vida não é filme
Você não entendeu
Ninguém foi ao seu quarto
quando escureceu
Saber o que passava
no seu coração
Se o que você fazia
era certo ou não
E a mocinha se perdeu
olhando o sol se pôr
Que final romântico
Morrer de amor
Relembrando da janela
tudo o que viveu
Fingindo não ver
os erros que cometeu
E assim tanto faz
Se o herói não aparecer
E daí?
Nada mais...
A vida não é filme
Você não entendeu
De todos os seus sonhos
não restou nenhum
Ninguém foi ao seu quarto
quando escureceu
E só você não viu,
Não era filme algum...
[SKA - OS PARALAMAS DO SUCESSO (HERBERT VIANNA)]

Para início de conversa, gostaria de contar um pouco da minha história, que pensando bem, até se enquadraria em um roteiro de cinema ou em uma história de novela, ou quem sabe um conto de fadas. Mas com as cenas dos capítulos posteriores do: “felizes para sempre”. Afinal, a vida não pode se estagnar feito um final de novela, ela é movimento, mudança, ora estamos rindo, ora estamos chorando. Nossas escolhas nos remetem a uma felicidade momentânea, porque cada escolha também representa uma renúncia. Falando em escolhas, escolhi ser professora. Mais do que isso, escolhi renunciar muitas noites e momentos em família para me dedicar aos estudos, afinal fui mãe aos quatorze anos, em meio aos livros, cadernos e mamadeira. Sou professora da Rede Municipal de São Leopoldo – RS, atuando como supervisora em uma escola de educação infantil há um ano. Também sou tutora do Curso de Pedagogia em uma Instituição particular de ensino superior, há dois anos. Minha formação docente começou bem cedo, com quatorze anos ao entrar no curso Normal. Após quatro anos de formação em nível médio/magistério,

iniciei no curso de pedagogia na modalidade à distância. No início, não sabia como era estudar a distância, muitas vezes me sentia sozinha e desmotivada. Muitos colegas ficaram no meio do caminho, pois a desistência no curso EAD é muito grande. Você precisa de determinação, disciplina e automotivação para seguir em um curso nesta modalidade. Ao término da minha graduação, já iniciei uma especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, modalidade presencial. Passei em concursos públicos e fui sendo chamada para trabalhar nas cidades de Taquara, Campo Bom e Sapucaia do Sul. Na época em que trabalhava no Município de Sapucaia do Sul surgiu a oportunidade de iniciar o curso de Especialização em Mídias na Educação na UFRGS, organizado pelo CINTED, na modalidade à distância. Sempre busquei formação para inovar nas aulas, com meus pequenos alunos da educação infantil, pois nasceram na era tecnológica e como professora, não posso ignorar isso. O curso de mídias me auxiliou na busca por recursos didáticos e também instigou para que eu pudesse construir recursos e ser autora da minha prática.

Como professora de educação infantil posso afirmar que é na infância que nos constituímos como seres humanos. Aproveito para refletir sobre o quanto a TV e os vídeos fazem parte do universo infantil. Lembro bem quando era pequena que meu vídeo preferido era o da Cinderela, assistia inúmeras vezes, repetia a fala dos personagens, as músicas da trilha sonora e ficava aflita com a Cinderela presa na torre do castelo, mesmo sabendo que no final tudo iria dar certo. E assim, cresci, assistindo aos vídeos dos contos de fadas, telenovelas, desenhos, dos quais sempre podemos tirar uma lição. Passamos a acreditar em príncipe encantado, bruxas, fadas, sonhamos com trilhas sonoras, choramos, rimos... Então o tempo passa, ficamos adultos e nos deparamos com a realidade, e desligar o “botão” se faz necessário. “A vida não é um filme, você não entendeu?”, já dizia Herbert Vianna.

Embora a vida não seja um filme, não podemos negar o poder de comoção, reflexão e até de emoção que esse recurso audiovisual nos possibilita. Naturalmente, ele também reproduz estereótipos de uma sociedade moderna cercada pela diversidade, e também por essa razão, utilizá-lo como recurso didático tem sido uma alternativa significativa para a escola.

Atualmente como supervisora na E.M.E.I.Girassol, no município de São Leopoldo, tenho utilizado nas formações de professores o recurso audiovisual como subsídio didático, reflexivo e informativo. Os vídeos mexem com o imaginário e com

as emoções do telespectador e esse é o objetivo do presente trabalho: mexer com a emoção e sensibilizar professores diante de um grande desafio que é a inclusão escolar.

Sim, falar de inclusão é falar de emoção! A escola precisa preparar seus professores, pais e alunos para tal situação. Ninguém nasce inclusivo, aceitando as diferenças e sabendo lidar com elas. É preciso educar-se, sensibilizar-se, sentir, se colocar no lugar do outro.

O presente trabalho tem como objetivo investigar a contribuição do audiovisual na sensibilização de professores em relação à inclusão escolar na educação infantil, apresentando alternativas de superar as barreiras em busca de uma escola para todos.

O primeiro capítulo introduz a temática das mídias na educação e os desafios do professor nos novos tempos. No segundo capítulo, fala-se sobre a inclusão na educação infantil e os desafios de uma escola para todos. Em seguida, no terceiro e último capítulo, é relatado um trabalho prático explorando o recurso audiovisual, aproximando a teoria acerca dos seus usos e potencialidades com a prática da sua utilização uma escola de educação infantil no município de São Leopoldo.

2 MÍDIAS NA EDUCAÇÃO: NOVOS TEMPOS, NOVOS DESAFIOS

*Eu acordo de manhã
E não sei mais quem eu sou
No Espelho tem um outro
Um andróide um pós-eu
Um sorriso congelado
Esculpiu a minha cara
E uma baba escorria
Eu não entendia nada*

*Na verdade, na mentira
A realidade é estar na mídia*

*No conforme da certeza, na orgia do consumo
Te conheço de outras luas
Os meus olhos são seqüelas
E o quarto tá escuro
A tua imagem é imensa
E eu to pra lá de tudo
No deserto o grão de areia
Entre o sonho e o delírio
Que a tudo se assemelha*

*Na verdade, na mentira
A realidade é estar na mídia*

*É a voz da propaganda embutindo os sentidos
Salivando por devotos Promovendo o fanatismo
Projetando divindades
Com paixão e violência
Baixo nível de maldades pra aumentar a audiência*

*Na verdade, na mentira
A realidade é estar na mídia*

*No conforme da certeza, na orgia do consumo
Todo mundo extasiado, acomodado e sem rumo
E o céu cuspiendo fogo
E nas cinzas desse inverno
O que brilha no paraíso é a brasa do inferno*

*Na verdade, na mentira
A realidade é estar na mídia*

*E o palhaço perde a calma
E o ladrão a pontaria
O coringa dá as cartas
E o assassino denuncia
E na paz dos inquietos
E na pressão aqui no peito
O desafio de um futuro
No presente insatisfeito*

*Na verdade, na mentira
A realidade é estar na mídia*

(Tá na mídia – Arnaldo Brandão)

O processo de informatização da sociedade brasileira e mundial tem avançado nestes últimos anos. Estamos vivendo na sociedade do conhecimento e da informação, sociedade na qual basta um “click” e temos o “mundo” em nossas mãos, ou seja, somos capazes de acessar qualquer conteúdo que esteja disponível na internet de qualquer lugar do mundo, transpondo os limites de tempo e espaço.

Sabemos também que as mídias nunca tiveram tanta influência na vida das pessoas como agora. A novela dita a moda, as redes sociais evidenciam roupas e viagens caras, valorizam corpos sarados, ditando padrões de beleza, assim como os comerciais de TV e o cinema, embora o alcance das redes torne mais imediata a dissolução de ideias e de comportamentos, de fatos e de informações, de verdades e de mentiras. Como diz Arnaldo Brandão, “na verdade, na mentira, a realidade é estar na mídia”. Diante disso, temos sim o desafio de pensarmos e planejarmos um futuro, que mesmo já estando posto frente a essa nova maneira de se viver conectado, precisa ser construído com um olhar que reflita sobre essa conexão a partir da sociedade que temos e da que almejamos ter.

A escola não pode mais fechar os olhos para essa geração de estudantes, que tanto utiliza as mídias e as tecnologias para se comunicar, socializar, aprender e também gerar conhecimento.

Para ajudar a entender essa geração bem como o momento no qual vivemos, é importante fazer uma breve análise histórica do homem com a tecnologia. Ao longo de sua trajetória de desenvolvimento, o ser humano, desde a Idade da Pedra, reproduz o conhecimento, modifica e adapta aquilo que é necessário à sua sobrevivência. Se olharmos para o estudo da nossa civilização, podemos perceber que em função da tecnologia ou técnica que os homens utilizavam na fabricação de seus utensílios, as etapas foram nomeadas: Idade da Pedra, Idade do Bronze, Idade do Ferro e assim por diante.

O conhecimento, por muito tempo, foi transmitido de geração em geração através da fala, posteriormente através da escrita e na sociedade moderna através das mídias. O senso comum, ou seja, o conhecimento intuitivo, e a ciência (conhecimento sistematizado e metódico) sempre foram usados para compreender o mundo, podemos dizer que o desenvolvimento da ciência se associou ao desenvolvimento tecnológico. O homem criou ciências e tecnologias (desde a roda até o computador) que trouxeram mudanças significativas em suas relações com outros seres humanos e com a natureza.

Fala-se tanto em desenvolvimento tecnológico, mas será que já paramos para pensar sobre o que de fato é tecnologia? Para Sáez (1999), tecnologia é o conjunto de conhecimentos que pressupõe qualquer aplicação técnica presente em diferentes contextos: históricos, econômicos e sociais.

Bueno (1999, p. 87) nos apresenta a técnica como integrante e precursora da tecnologia e conceitua tecnologia como:

Um processo contínuo através do qual a humanidade molda, modifica e gera a sua qualidade de vida. Há uma constante necessidade do ser humano de criar a sua capacidade de interagir com a natureza, produzindo instrumentos desde os mais primitivos até os mais modernos, utilizando-se de um conhecimento científico para aplicar a técnica e modificar, melhorar, aprimorar os produtos oriundos do processo de interação desta com a natureza e com os demais seres humanos.

Se procurarmos no dicionário o significado da palavra técnica, temos: “a parte material ou o conjunto de processos de uma arte, maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo” (Ferreira, 1998).

Ao falar de tecnologia, não podemos deixar de mencionar o conceito de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), que podemos entender como qualquer forma de gerar, armazenar, processar, transmitir ou reproduzir informação a partir do uso de técnicas da área da tecnologia.

Segundo Castells (1999) a sociedade da informação caracteriza-se pelo acesso de toda (ou grande parte) da população às novas tecnologias da informação e da comunicação, consideradas pressupostos para a participação neste novo paradigma, neste novo mundo, nesta nova sociedade. Tais tecnologias mudaram a forma da sociedade de viver, de se comunicar e juntamente com estas mudanças, trouxeram novos desafios à educação.

Frente a estes novos desafios, Moran (2000) nos coloca que estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar, a ensinar e a integrar o humano e o tecnológico. Estamos em um mundo no qual as tecnologias interferem no dia a dia e, por isso, é importante que a educação também envolva a democratização do acesso ao conhecimento, à produção e à interpretação das tecnologias (Sampaio; Leite, 1999).

Desenvolver a democratização do acesso ao conhecimento é desenvolver o saber tecnológico na escola. Podemos perceber que inúmeros são os recursos tecnológicos que a escola pode incluir na sua proposta pedagógica, ou mesmo o

professor, na sua metodologia de trabalho. Fazendo referência aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1998), as NTIC'S (novas tecnologias da informação e comunicação) são relativas:

Aos recursos tecnológicos que permitem o trânsito de informações, que podem ser os diferentes meios de comunicação (jornalismo impresso, rádio e televisão), os livros, os computadores, etc. [...] Os meios eletrônicos incluem as tecnologias tradicionais como rádio, televisão, gravação de áudio e vídeo, além de sistemas multimídias, redes telemáticas, robótica e outros.

Ao falarmos de tecnologias educacionais, podemos considerar todos estes recursos tecnológicos, desde que integrados ao processo de ensino-aprendizagem. De nada adianta utilizar os novos recursos tecnológicos apenas para substituir velhos recursos. Como por exemplo, utilizar o projetor de slides apenas para reproduzir conhecimento estagnado, característico da educação bancária, da qual o sujeito que aprende é passivo ao conhecimento que o professor “deposita” no mesmo. Niskier (1993, p.11), contribui:

A tecnologia educacional, sabiamente, não se reduz à utilização de meios. Ela precisa necessariamente ser um instrumento mediador entre o homem e o mundo, o homem e a educação, servindo de mecanismo pelo qual o educando se apropria de um saber, redescobrando e reconstruindo o conhecimento.

Entretanto, só o uso das tecnologias não é o suficiente para garantir avanços na educação, se não forem bem utilizadas podem ser apenas uma “novidade”. O professor muitas vezes, adota uma tecnologia por tempo determinado, apenas para não ser considerado ultrapassado, não utilizando as TICs como forma de transformar e desenvolver a criatividade do aluno. Assim, o professor tem o papel indispensável de mediar a produção de sentido pelos estudantes referente aos recursos utilizados.

A nova geração já “nasce teclando”, tocando na tela para ver o que acontece. Diferente da nossa, eles não tem medo da tecnologia e sabem que precisam dela. É necessário que a escola amplie o acesso às TICs, promova espaços de debates e reflexões acerca das mesmas e invista nas tecnologias como forma de promover a aprendizagem significativa. Quadro e giz não podem ser os únicos recursos que o professor utilizará em sua aula e também de nada adianta as desculpas de que falta informação, formação e acesso às TICs. Com certeza falta investimento tecnológico, principalmente na educação pública. Mas muitas vezes os recursos ficam na escola

sem que os professores saibam utilizá-los, com a desculpa de que são caros e que podem estragar.

Segundo Moran (2007, p.52):

As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, mediam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes.

É fato que as tecnologias não trazem soluções imediatas para a educação, mas para que elas sejam de fato pontes que ligam o “mundo” do aluno à escola, é preciso que o professor seja o mediador desse processo. O professor não perde seu espaço com a chegada das TICs na escola, mas sim, reformula sua maneira de ensinar e de aprender. Se antes as informações vinham apenas da escola, dos livros e enciclopédias, hoje com a internet, em qualquer lugar e a qualquer hora se acessa informação de um dispositivo móvel ou computador. A questão agora é: o que fazer com tanta informação? Talvez seja esse o grande desafio da educação na atualidade, transformar informação em conhecimento.

3 INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POR UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS

O avanço tecnológico não apenas se tornou um desafio para a educação, mas também proporcionou mudanças na sociedade ao informar e difundir informações sobre síndromes, transtornos e deficiências, colaborando para a inclusão das pessoas com necessidades especiais na vida social e escolar.

Tempos atrás, a falta de informação deixou marcas de rejeição e exclusão na vida das pessoas com necessidades especiais. Historicamente, a sociedade discriminava estes indivíduos, os quais eram mantidos longe das escolas e também do convívio social. Para Bueno, (2002, p. 55):

Historicamente podem ser reconhecidos quatro estágios de desenvolvimento das atitudes em relação às crianças excepcionais. Primeiramente, na era pré-cristã, tendia-se a negligenciar e maltratar os deficientes. Num segundo estágio, com a difusão do Cristianismo, passou-se a protegê-los e compadecer-se deles. Num terceiro período, nos séculos XVIII e XIX, foram fundadas instituições para oferecer-lhes uma educação à parte. Finalmente, na última parte do século XX, observa-se um movimento que tende a aceitar as pessoas deficientes e a integrá-las, tanto quanto possível.

O termo integração foi sendo substituído por inclusão, num processo lento e ainda de exclusão. De acordo com Jannuzzi (1992), a Constituição de 1824, já previa “instrução primária e gratuita para todos”, mas durante muito tempo, a escola não se constituiu assim, pois era um espaço ao qual apenas uma minoria tinha acesso. Depois de muitas discussões e avanços no entendimento do que é uma educação para todos, surgiu o movimento de inclusão social, ofertando educação para as classes minoritárias, marginalizadas e lesadas em seus direitos de “igualdade”. Dentro deste contexto, surge a proposta de educação inclusiva, tendo como objetivo ofertar educação para todos os indivíduos, não havendo distinção entre suas condições físicas, psicológicas ou emocionais. Essa proposta fez surgir um novo paradigma: oferecer a todos os indivíduos condições plenas de desenvolvimento.

Mas a educação inclusiva não surgiu porque a escola ou sociedade entendeu que seria bom esse processo, surgiu sim da luta das pessoas com necessidades educacionais especiais (NEE) e de seus familiares por condições igualitárias de educação e até mesmo, dignidade e cidadania para estas pessoas.

Esse processo foi lento e marcado por exclusão, segregação, erros e acertos. No final da década de 1920, as instituições que ofereciam educação para os considerados “anormais” eram poucas e estavam ligadas às concepções médicas-pedagógicas, visando a “cura” do indivíduo e a “normalização” do mesmo.

De acordo com Mendes (2002), em 1970 surge a integração dos alunos com NEE nas escolas regulares, mas ainda em classes especiais, centrando o “problema” apenas na criança. A meta era a normalização do indivíduo, de maneira que pudesse se assemelhar aos demais, somente assim podendo frequentar a classe regular de ensino. Essa “condição” para o aluno com necessidades especiais frequentar o ensino regular era uma negação das suas diferenças, colocando no aluno a responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso escolar dentro de um padrão homogêneo de desenvolvimento. O principal e único objetivo era a modificação das especificidades do educando e não a modificação e/ou adaptação da escola, dos métodos, dos materiais e até mesmo dos professores e gestores, não havendo mudanças físicas e muito menos pedagógicas que possibilitassem a inclusão destes alunos.

Morin (2011, p.49-50) contribui com essa reflexão:

Cabe à educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade, e que a da sua diversidade não apague a da unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie *Homo Sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno.

Apenas no final da década de 1980 houve avanços referentes à inclusão e a tão sonhada “educação para todos”. A Constituição Federal brasileira de 1988, em seu art. 5 garante: “Somos todos iguais perante a lei, sem nenhuma distinção de qualquer natureza”. No art. 205, temos assegurado o direito de educação para todos:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p.132).

Que a escola é direito de todos não podemos negar, mas será que ela permite além do acesso, a permanência de todos? Ainda citando a Constituição Federal de 1988, em seu art. 206, é garantida igualdade de condições para acesso e permanência na escola (BRASIL, 1988). A Constituição ainda apresenta em seu art. 208, inciso III, “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988).

Segundo Mantoan (2003), este *preferencialmente* significa atendimento educacional especializado e não educação especial como segregação da instituição educacional. A referida autora ainda afirma:

A Constituição admite que o atendimento educacional especializado também pode ser oferecido fora da rede regular de ensino, em qualquer instituição, já que seria apenas um complemento e não um substitutivo, do ensino ministrado na rede regular para todos os alunos (2003, p.39).

A legislação garante o acesso e a permanência de todos na escola, mas será que essa é a realidade da educação brasileira? Ainda estamos muito longe de assegurar os direitos de nossos alunos, principalmente na garantia de uma educação igualitária e de qualidade. Em 1994, a Declaração de Salamanca foi um marco para a história da inclusão, na Conferência Mundial realizada na cidade, na Espanha, foi assinada a declaração que trata dos princípios, políticas e práticas da educação especial, disseminando orientações sob forma de políticas públicas.

Segundo a declaração, a escola deve se preparar para receber os alunos com necessidades educacionais especiais e se adequar às especificidades dos mesmos, e não o contrário. Essa preparação e adequação incluem espaço físico e aspectos didático-pedagógicos. O documento ainda aborda a importância da preparação e formação acadêmica dos profissionais da educação para com a educação especial.

No entanto, a realidade que ainda temos é diferente daquela idealizada na Declaração de Salamanca ou na legislação vigente. Conforme Mendes (2002), na maioria das vezes, os alunos com necessidades educativas especiais têm acesso apenas a uma classe comum, em uma escola comum, com uma professora comum, tomando um lugar que nem sempre foi por ele desejado e para ele planejado, sem garantia nenhuma de um bem-estar físico e social, e principalmente, de acesso a um ensino de qualidade.

Agora que conhecemos um pouco da história da educação especial e de sua trajetória de lutas e conquistas, não podemos deixar de mencionar que esta história não termina aqui. Diariamente escolas têm recebido alunos com NEE, até mesmo porque não podem negar a matrícula destes alunos, mas a inclusão está ainda muito distante do ideal. Muitos são os motivos, as causas, os percalços... Podemos citar inúmeros, desde a falta de investimento na educação à falta de formação dos professores e de sensibilidade em lidar com o diferente e com a diversidade humana.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB, lei nº 9.394/96), no artigo 58, diz que a oferta de educação especial tem início na educação infantil, preferencialmente na rede regular de ensino. Sendo a educação infantil a primeira etapa da educação básica, não podemos deixar de mencionar a sua importância no processo da inclusão escolar.

As instituições de educação infantil, não somente recebem alunos com necessidades educativas especiais, como também atuam como etapa preventiva e capaz de detectar com o olhar observador dos professores, sintomas ou déficits de aprendizagem ainda na primeira infância.

Historicamente, a educação infantil teve seu passado vinculado ao assistencialismo, sendo que as creches eram espaços para que as mães trabalhadoras pudessem deixar seus filhos para serem cuidados, do qual o caráter educacional era desconsiderado. Somente com a Constituição Federal de 1988, a educação infantil foi reconhecida como um direito de todas as crianças, sendo que com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 foi estabelecida como primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Mesmo sendo garantida como direito de todos, na educação infantil não há obrigatoriedade de matrícula até os quatro anos de idade. A falta de obrigatoriedade faz com que a demanda seja maior que a oferta de vagas em muitos municípios do Brasil, que acaba por si só, excluindo e privando inúmeras crianças deste direito.

Considerando a proposta de reorganização da educação brasileira para com a educação inclusiva em suas políticas educacionais, entendemos que este movimento deva iniciar na educação infantil. Segundo Mendes (2010, p.47-48):

Os primeiros anos de vida de uma criança têm sido considerados cada vez mais importantes. Os três primeiros anos, por exemplo, são críticos para o desenvolvimento da inteligência, da personalidade, da linguagem e da socialização. A aceleração do desenvolvimento cerebral durante o primeiro ano de vida é mais rápida e mais extensiva do que qualquer outra etapa da vida, sendo que o tamanho do cérebro praticamente triplica neste período. Entretanto, o desenvolvimento do cérebro é muito mais vulnerável nessa etapa e pode ser afetado por fatores nutricionais, pela qualidade da interação, do cuidado e da estimulação proporcionada à criança.

É nesta etapa da educação básica que o sujeito dá os primeiros passos, fala as primeiras palavras, se descobre como um ser único e ao mesmo tempo percebe as suas diferenças e as do outro, estabelece seus primeiros vínculos não familiares, faz amigos, aprende a dividir os brinquedos, a seguir uma rotina e a brincar. A formação de valores é muito significativa na educação infantil e é neste momento que se faz importante o trabalho de aceitação das diferenças.

Em 2001, o MEC elaborou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Estratégias e Orientações para a Educação de Crianças com Necessidades Educacionais Especiais (BRASIL, 2001). É abordado no texto a importância da educação infantil e a necessidade de criar uma escola que respeite e atenda as diversidades. O documento recomenda no item 5.1 que, para atender as crianças com necessidades especiais, é preciso:

- Disponibilizar recursos humanos capacitados em educação especial/educação infantil para dar suporte e apoio ao docente das creches e pré-escolas ou centros de educação infantil, assim como possibilitar sua capacitação e educação continuada por intermédio da oferta de cursos ou estágios em instituições comprometidas com o movimento da inclusão;
- realizar o levantamento dos serviços e recursos comunitários e institucionais, como maternidades, postos de saúde, hospitais, escolas e unidades de atendimento as crianças com NEE, entre outras, para que possam constituir-se em recursos de apoio, cooperação e suporte;
- garantir a participação da direção, dos professores, dos pais e das instituições especializadas na elaboração do projeto pedagógico que contemple a inclusão;
- promover a sensibilização da comunidade escolar, no que diz respeito à inclusão de crianças com NEE;
- promover encontros de professores e outros profissionais com o objetivo de refletir, analisar e solucionar possíveis dificuldades no processo de inclusão;
- solicitar suporte técnico ao órgão responsável pela educação especial no Estado, no Distrito Federal ou no município, como também ao MEC;
- adaptar o espaço físico interno e externo para atender crianças com NEE, conforme normas de acessibilidade. (BRASIL, 2001, p.24-26).

Entretanto, a construção da escola inclusiva desde a educação infantil implica pensar nos espaços, tempos, profissionais, recursos e ainda em parcerias para que

haja garantia de uma educação de qualidade para todos. Muitas escolas de educação infantil não se encontram nem adaptadas às especificidades da faixa etária, o que dirá aos alunos com NEE.

Embora todos os aspectos citados acima sejam de suma importância para o processo de inclusão, há um “personagem” central nessa “história”: o professor. Juntamente com o professor podemos citar que ainda há sua prática pedagógica, sua concepção de criança e sua habilidade em lidar com o diferente e aceitá-lo. É comum que a presença do “diferente” cause estranheza e insegurança, mas cabe ao professor construir uma rede de apoio e buscar o conhecimento, permitindo que a convivência com o aluno estabeleça relações e interações. Segundo Sacristán (1995, p. 76):

A mudança em educação não depende diretamente do conhecimento, porque a prática educativa é uma prática histórica e social que não se constrói a partir de um conhecimento científico, como se tratasse de uma aplicação tecnológica. A dialética entre conhecimento e ação tem lugar em todos os contextos onde a prática acontece.

Sabemos que apenas a presença do aluno com NEE na escola não é suficiente para desenvolvê-lo em sua integralidade, e afinal... Não é essa a finalidade da educação infantil?

4 OS RECURSOS AUDIOVISUAIS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES MAIS INCLUSIVOS

É fato que a educação inclusiva necessita de muitos ajustes e políticas públicas de qualidade, mas ainda temos como principais “atores” desse processo o aluno e o professor. Sim, são estes que vivenciam na prática a inclusão escolar, com suas diversas facetas, dificuldades, alegrias e aprendizagens. São estes que precisam se sentir acolhidos e felizes no ambiente escolar, para então prosseguir no processo de construção da aprendizagem e superação das barreiras deste processo.

Diante desta problemática, porque sim, a inclusão ainda é encarada como um “problema” para a sociedade e não seria diferente na escola, temos o desafio de sensibilizar o professor e prepará-lo para receber os alunos com NEE.

A busca pela sensibilização do professor no processo de inclusão deve vir antes da formação propriamente dita, pois o professor antes de buscar conhecimento referente ao tema, deverá se sensibilizar e querer buscar este conhecimento.

Apresentamos neste capítulo, os recursos audiovisuais como alternativa na sensibilização dos professores no processo de inclusão, para tanto é necessário identificar o que são recursos audiovisuais e o porquê da importância destes recursos.

A palavra audiovisual indica o que se refere à audição e visão ao mesmo tempo, sendo aplicada tanto aos métodos e técnicas que aliam elementos visuais (imagens fixas ou em movimento) e elementos auditivos (palavra, música ou efeitos sonoros), como aos suportes que concretizam estes métodos (filmes, slides, materiais de apoio – fita magnética, CD, etc). Entretanto, o termo pode ser utilizado no sentido conjuntivo, quando existe interação entre imagens visuais e sonoras (cinema, vídeo, televisão) e no sentido disjuntivo, quando está presente apenas o recurso visual (quadro, retroprojeter, etc) ou no auditivo (rádio, CD, uma narração, etc) (Ferrés, 1994).

No presente trabalho, abordaremos o vídeo como recurso audiovisual conjuntivo, utilizado no modo de produção de documentação, servindo como ferramenta para registro e análises de histórias de vidas. Segundo Moran:

Televisão e vídeo combinam com a dimensão espacial e sinestésica, ritmos rápidos e lentos, narrativas de impacto e de relaxamento. Combinam a comunicação sensorial com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. A integração começa pelo sensorial, o emocional e o intuitivo, para atingir posteriormente o racional.

Estamos certos de que a TV e o vídeo têm uma abordagem sensorial, que mexe com os sentimentos do telespectador, faz com que o mesmo ame, odeie, sinta desprezo ou piedade de determinado personagem. Mas logo, o telespectador consegue racionalizar a informação e tirar suas próprias conclusões acerca do tema abordado. Sendo real ou fictícia, as histórias “contadas” através do recurso audiovisual mexem com nossas emoções, pois falam primeiro do que você sentiu, as ideias e as “mensagens” estão embutidas nessa relação afetiva: vídeo-telespectador.

Por este motivo, o vídeo foi o recurso escolhido para sensibilizar os professores acerca da inclusão de crianças com NEE da Escola Municipal de Educação Infantil Girassol, localizada em São Leopoldo – RS.

As “histórias” contadas não serão ficção, serão as estórias de vida dos alunos com necessidades educacionais especiais da escola. Estórias que só conhecemos através do nosso “olhar”, mas é imprescindível “olhar” com outros olhos, talvez com olhos de criança...

experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. [...] O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas sempre há o que ver. Gente, coisas e bichos. E vemos? Não, não vemos. [...] Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos. (BRASIL, 2005, p.16, mód. IV, unid. 5, v.2)

4.1 Metodologia e Contexto da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola de educação infantil municipal de São Leopoldo-RS, localizada no bairro Santos Dumont, Vila Brás. A escola atende a faixa etária de zero a cinco anos e onze meses, conta com nove turmas, totalizando 153 alunos, atendidos em turno integral de até doze horas. A área da qual a escola está inserida é de grandes índices de homicídios e tráfico de drogas, sendo que muitos alunos “filhos do crack” estudam na escola, ou seja, as mães eram ou são usuárias de drogas e os mesmo nascem com deficiências múltiplas ou com algumas

dificuldades de aprendizagem. Dos 153 alunos da escola, 7 alunos apresentam NEE, com laudo médico. As necessidades educacionais dos alunos com laudo médico na escola são: Síndrome de down, autismo, nanismo, má formação congênita, deficiência auditiva e deficiência motora e intelectual.

Alguns alunos estão em processo de investigação médica, sendo que muitos são usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e encontram dificuldades em marcar médicos especialistas.

A escola funciona das 6h30 às 18h30, conta com um grupo de 34 professores e 24 estagiários. Cada professor e estagiário (auxiliar do professor) trabalham 6h diárias, portanto cada turma tem dois professores regentes e mais professores regentes 2, que entram na turma nos dias em que o professor está planejando. Dentre os estagiários da escola, existem os contratados pelo Núcleo Apoio ao Processo de Inclusão do Município de São Leopoldo (NAPPI), os quais auxiliam os alunos com NEE nas suas atividades diárias e pedagógicas.

Ao ingressar na escola como supervisora pedagógica, percebi a necessidade de trabalhar com o grupo de professores questões referente à inclusão. Muitos estavam ainda em processo de “negação”, duvidando de laudos e sentindo-se incomodados com o “desconhecido”. As alegações eram inúmeras: “Na minha formação não aprendi sobre síndromes e deficiências”, “Acho que deveriam frequentar uma escola especializada” – se referindo aos alunos com NEE, “A mãe fica em casa e a criança aqui na escola o dia inteiro”, “Não sei como lidar com ele (a)”, “Para mim ele tem é falta de limite e não autismo”, - essas são algumas das falas que ouvi de vários professores, muitos deles justificando certo receio e despreparo em trabalhar com os estudantes, e outros apresentando o que poderia ser apontado até como má vontade.

Percebi que trabalhar apenas com textos referentes ao assunto não estava sendo suficiente, nem mesmo procurar ajuda com especialistas para conversar com o grande grupo diminuía o “desconforto” de alguns professores e o meu “desconforto” também ao saber que aqueles alunos não estavam sendo acolhidos e de certa forma, respeitados nas suas especificidades.

Ao me deparar com esta problemática, e tentando propor algo que pudesse melhor sensibilizá-los, provocar neles maiores reflexões e ajudá-los a pensar com mais carinho acerca de seus alunos, optei pelo estudo etnográfico como método de pesquisa. Segundo André (1995, p.63)

a pesquisa do tipo etnográfico que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária.

Como abordagem técnica do trabalho de campo, utilizarei entrevistas com os sujeitos da pesquisa, os diálogos com docentes e discentes e a observação participante.

Na observação participante

o observador, enquanto parte do contexto da observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observadas diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (MINAYO, 1994, p.59)

A forma de registro das entrevistas foi feita através de recurso audiovisual, sendo que o objetivo da pesquisa era perceber de que maneira este recurso poderia contribuir com a sensibilização dos professores no processo de inclusão.

O trabalho foi desenvolvido da seguinte maneira:

- Filmagem dos alunos com NEE no espaço escolar;
- Entrevista com os alunos, colegas, professores e pais com as mesmas perguntas: Quem é “fulano de tal? – aluno com NEE”, “Como foi o dia que descobriu o diagnóstico?”, “Quais as expectativas para o futuro? “Sonhos?”, “De que maneira a escola pode contribuir para o desenvolvimento do aluno? O que você espera da escola?”

As perguntas foram adaptadas para os alunos e colegas em razão da faixa etária e o vídeo final de todo esse trabalho está disponível no endereço https://www.youtube.com/watch?v=-sHmHiw_95k.

4.2 O Uso do Vídeo Como Forma de Sensibilização Docente: Inclusão na Telinha

o essencial é saber ver. Saber ver sem estar a pensar. Saber ver quando se vê. E nem ver quando se pensa. Mas isto! Triste de nós que trazemos a alma vestida! Isso exige uma aprendizagem profunda. Uma aprendizagem do desaprender.

(Fernando Pessoa)

É preciso ver com outros olhos, com o tato, ouvir com outros ouvidos, outras vibrações... Assim, surgiu a proposta de ver na “telinha” de que maneira a inclusão acontece na escola e também ver os “bastidores” desse processo. A proposta foi de filmar os alunos com NEE no contexto escolar, realizar entrevistas e conversas com pais, professores, colegas e com os próprios alunos a fim de sensibilizar os professores para um olhar além da deficiência, além da síndrome, de diagnósticos, para um olhar mais humano, mais amplo, mais identificado com as noções de afeto e de carinho tão importantes para a construção dos vínculos educativos... Um olhar para o ser humano que está ali, inserido no espaço escolar, mas muitas vezes não é enxergado em sua totalidade, com suas limitações, mas também com suas potencialidades, com seus sonhos e anseios, com seu desejo de ser integrado a um mundo no qual, muitas vezes, é pouco acolhido.

Ao propor o projeto para os pais dos alunos com NEE, percebeu-se grande entusiasmo e até comoção. Nenhum dos pais havia conversado com as professoras sobre o momento do diagnóstico, as expectativas em relação à escola e também em relação ao trabalho pedagógico. Relataram que sabiam das dificuldades da escola em lidar com determinadas situações de inclusão, mas que queriam que seus filhos fossem respeitados. Alguns desses relatos, inclusive, foram feitos em meio a choro e emoção, através de narrativas de que, muitas vezes, os pais sentiam no “olhar” dos funcionários ou professores que seus filhos não eram “bem –vindos” naquele espaço. As gravações foram um pouco tímidas, mas muito ricas em emoções!

Com os alunos e colegas dos mesmos, a proposta foi bem aceita. Ao explicar que seriam gravados e que depois poderiam se ver na “TV” ficaram muito entusiasmados. As gravações com os alunos foram as mais descontraídas... Gravá-los na escola foi um momento de diversão e muita aprendizagem. A reação dos pequenos ao se verem na telinha foi muito boa... Queriam se ver mais vezes, riam,

apontavam para os colegas. Não havia preocupação com a voz, com o que falaram, com os “erros” e acertos.

Ao explicar o projeto para os professores, a primeira reação foi receio. As perguntas não foram informadas antes da gravação, para que falassem sem “ensaio”, para que falassem realmente o que a emoção queria expressar, para que suas falas fossem o mais espontânea possíveis. Alguns não quiseram participar das gravações, apenas fizeram seus relatos. Outros, gostaram muito da ideia e se dispuseram a gravar.

Após todas as gravações, em uma reunião pedagógica o trabalho audiovisual foi apresentado ao grande grupo... Muitos choraram, riram, se “corrigiram”, fizeram caretas, tiveram reações diversas, da alegria à contemplação. O vídeo realmente mexeu com as emoções do grupo de professores e funcionários. Ao final do vídeo, o silêncio pairou sobre a sala. A fala parecia difícil após verem os relatos e fazerem suas próprias auto-avaliações. O momento final era de refletir, de repensar suas práticas, seus julgamentos, suas crenças... Desconstruir e construir novos olhares, novas maneiras de se fazer a inclusão na escola. Neste primeiro momento, os professores assistiram ao vídeo sem a presença dos pais participantes do trabalho. O grupo sugeriu que o vídeo fosse passado em uma reunião de pais, para que toda a comunidade escolar tenha conhecimento da realidade da inclusão na escola, sendo que esta oportunidade ainda está sendo aguardada.

Após o trabalho finalizado, os pais dos alunos com NEE juntamente com as professoras regentes dos alunos foram convidados pela direção para assistirem ao vídeo. Após assistirem, a emoção falou mais alto... Pedidos de desculpas de ambas as partes, abraços, olhares... Ah, esses olhares sem julgamento e sem medo! Finalmente olhares de parceria e amizade, de pedidos e desejos para que a escola seja um lugar de acolher e respeitar as diferenças!

Após este momento de sensibilização surgiram muitas ideias de formações pedagógicas! Nomes de profissionais citados para palestra, indicações de cursos na área de inclusão, sugestão de momentos de trocas, busca de parcerias com entidades especializadas em atendimento as crianças com necessidades especiais, etc. Percebeu-se que era necessário uma intervenção para que este momento pudesse acontecer de maneira significativa para os professores, pensar formação pedagógica como a “alma da escola”, percebendo as necessidades ali intrínsecas. O

recurso audiovisual possibilitou este momento, uniu vozes e olhares, melodia e texto.

5 CONCLUSÃO

A sensibilização dos professores no processo de inclusão de alunos com necessidades especiais é, sem dúvida, o primeiro passo para a inclusão de verdade. Ao analisar o contexto abordado no presente estudo, percebe-se a necessidade de se fazer “ver” as diferentes formas de educar, as diferentes formas de aprender... O professor precisa acreditar nas potencialidades do seu aluno com NEE.

A abordagem escolhida de sensibilizar o olhar do professor acerca da inclusão na educação infantil através do recurso audiovisual possibilitou compreender que o “desconhecido”, ou ainda podemos citar como o “despercebido” tem causado o mal estar de incluir alunos especiais. Muitos professores não conhecem a realidade do aluno, não param para escutar as famílias e não se preocupam em acolher todo o processo inclusivo, que vai desde a busca pela formação até a chegada e receptividade do aluno/família na sala de aula.

Parar para assistir o aluno com NEE no vídeo, seus familiares relatando as dificuldades e também os sonhos e as perspectivas em relação à escola, ouvir as crianças e até mesmo, ouvir a si mesmo; foi extremamente importante para a reflexão da prática inclusiva de toda a escola.

Sair de “cena” e assistir o cotidiano de “fora”; é assim que o recurso audiovisual possibilitou tal reflexão. Vozes, sons, imagens, textos... Este recurso proporcionou ver além da rotina cansativa da sala de aula, achar um tempo em meio à falta dele para ouvir o que o aluno tem a dizer, o que ele tem a mostrar, quais suas concepções.

Ficou evidente que a percepção das diferenças vistas pelas crianças é totalmente diferente da percepção do adulto, ou do professor. Aos questionar as crianças sobre quem era o colega com NEE, as respostas foram surpreendentes: “- Ele é meu colega!”, “ – Ele é meu amigo”, “- Ele é muito bravo!”. Ou seja, na concepção da criança o colega “diferente” é apenas um colega, alguns evidenciaram uma característica, como ser bravo por exemplo. Característica esta que poderia ser atribuída a qualquer outro colega dito “normal”.

Com relação aos relatos da família, percebeu-se que logo eles identificam o filho através da síndrome ou deficiência, assim como os professores. As primeiras falas ao solicitar que falem do aluno com NEE é sobre a “diferença”. Ao mesmo

tempo, as famílias relatam o desejo do tratamento igual com seu filho. As expectativas são que seus filhos sejam felizes e que se sintam bem na escola.

Durante a reunião pedagógica do qual o vídeo foi apresentado, percebeu-se que a inclusão perpassa a sala de aula, e que ela deve ser trabalhada com todos os membros da comunidade escolar e não somente com os sujeitos envolvidos da sala do aluno. A sensibilização foi com todos os envolvidos no processo de aprendizagem, desde as funcionárias de serviços gerais à portaria da escola. Todos devem conhecer as especificidades dos alunos com NEE, não com o objetivo de rotulá-los, mas sim de poder intervir da melhor maneira na aprendizagem e bem-estar do mesmo.

A figura 1 ilustra os resultados alcançados com o presente trabalho:



Figura 1: Organograma dos resultados obtidos.

A inclusão é muito maior que matricular o aluno na escola, aliás, desde este momento o aluno e a família deverão sentir-se acolhidos! O recurso audiovisual nos possibilitou minutos riquíssimos de reflexão, de visão ampla, de visão de todo o processo inclusivo.

Por fim, posso afirmar que como supervisora pedagógica da escola, obtive um enorme crescimento profissional e pessoal com o trabalho aqui apresentado. Foram momentos de muitas aprendizagens, como também de proximidade com os alunos. Mesmo com o tempo sempre “atropelando” meu dia, passar minutos gravando alunos, familiares e professores, me fez perceber o quanto é importante parar e refletir sobre nossa prática. Ela acontece de maneira tão “mecanizada”, “robotizada”, que muitas vezes até esquecemo-nos que nossa área de atuação é humanas.

Fica a certeza da importância de seguir com momentos de reflexão para outras temáticas, utilizando o recurso audiovisual, tendo em vista a eficácia do mesmo. Ouvir e gravar outros momentos, para trabalhar até mesmo com os alunos... Refletir sobre os espaços da escola e a utilização dos mesmos, gravar brincadeiras, vozes, cores, sensações das quais a escola transmite e vivências do dia-a-dia da infância destes alunos.

Lidar com o ser humano é sem dúvida uma tarefa que exige reflexão, exige tempo, dedicação e principalmente amor por aquilo que fazemos.

As pessoas veem estrelas de maneiras diferentes. Para aquelas que viajam, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes. Para os sábios, elas são problemas. Para o empresário, eram ouro. Mas todas essas estrelas se calam. Tu, porém, terás estrelas como ninguém nunca as teve. (Saint-Exupéry, 1944, p. 85)

Prefiro dizer que nossos alunos são como estrelas... Mas que não sejam estrelas caladas! Que possam ter voz e ter sonhos! Que possam ser tratados com respeito nas suas especificidades e que suas diferenças sejam vistas com olhos de crianças... Que nossos pais de alunos com NEE não sejam estrelas caladas e muito menos nossos professores... Tenho certeza que agora “tenho estrelas como ninguém nunca as teve”, como diz Saint-Exupéry (1944). Já não estão caladas, já podem brilhar!

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli E.D.A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Estratégias e Orientações para a Educação de Crianças com Necessidades Educacionais Especiais**. Brasília: MEC/SEESP/SEF, 2001.
- BRASIL, 2005. **Livro de estudo** / Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria, organizadoras. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2005. 38p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 5.
- BUENO, Natalia de Lima. **O desafio da formação do educador para o ensino fundamental no contexto da educação tecnológica**. Dissertação de Mestrado, PPGTE – CEFET-PR, Curitiba, 1999.
- BUENO, J. G. S. **Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalista ou especialista?** 2002. Disponível em: <<http://www.educaçãoonline.pro.br>>. Acesso em: 28 jun. 2015.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2.ed. vol.1. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- FERREIRA, **Dicionário Online**. 2015. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/ferreira/>>. Acesso em 23 jul. 2015.
- JANNUZZI, G. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1992.
- MANTOAN, M.T.E. **Caminhos pedagógicos da inclusão**. São Paulo: Memnon – Edições Científicas.
- MENDES, E. G. *Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil*. In: PALHARES, M. S. (Org.). **Escola inclusiva**. São Carlos, SP: EDUFSCAR, 2002. p. 61-85.
- MENDES, E. G. **Inclusão marco zero: começando pelas creches**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2010.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MORAN, José Manuel.. **Comunicação & Educação. O Vídeo na Sala de Aula** São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.

MORAN, José Manuel et al. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel. **Desafios da TV e do Vídeo à escola**. 2002. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/moran/desafio.htm>>. Acesso em 14 jul. 2015.

MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 13ª Ed. Campinas: Papirus: 2007.

MORAN, José Manuel. **Como a televisão e as mídias se comunicam**. Disponível em http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introductorio/pdf/etapa3_TV_e_midiias.pdf. Acesso em 10/06/2015.

MORIN, E. **OS SETE SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO DO FUTURO**. SÃO PAULO: CORTEZ; BRASÍLIA, DF: UNESCO, 2011.

NISKIER, A. **TECNOLOGIA EDUCACIONAL: UMA VISÃO POLÍTICA**. PETRÓPOLIS: VOZES, 1993.

SACRISTÁN, J. G. *Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores*. In: NÓVOA, A. **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 1995.

SAÉZ, V.M.M. **Globalización, Nuevas Tecnologias y Comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1999.

SAINT-EXUPÉRY, 1944. **O Pequeno Príncipe**. Ed. rev. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, 2008.

SAMPAIO, M. N; LEITE, L. S. **Alfabetização tecnológica do professor**. Petrópolis: Vozes, 2005.